

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020



**Instituições, personalidades e espólios arqueológicos
contributos para a Arqueologia portuguesa**

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**UM MACHADO DE ALVADO DO BRONZE FINAL RECOLHIDO EM LECEIA (OEIRAS):
ACERCA DA DISTRIBUIÇÃO DOS MACHADOS DE ALVADO E DUAS ARGOLAS
NO OCIDENTE PENINSULAR**

***A LATE BRONZE AGE AX FROM LECEIA (OEIRAS) AND THE DISTRIBUTION
OF SOCKETED AXES WITH TWO RINGS IN THE WESTERN IBERIAN PENINSULA***

João Luís Cardoso*

Abstract

The republication of a Late Bronze Age socketed ax with probably two rings collected in Leceia (Oeiras), justified the discussion about the origin and geographical distribution of this type of productions, characteristic of the Western area of the Iberian Peninsula.

Keywords: Late Bronze Age; socketed ax; Leceia; Portugal

1 – INTRODUÇÃO

Em 1926 a revista “Cultura”, de vida efémera e limitada circulação, publicava pequeno artigo, ilustrado por desenho, de um machado de bronze incompleto que será objecto deste estudo.

A notícia, da autoria de Abílio Rozeira, investigador local que promoveu recolhas em outros locais arqueológicos do concelho de Oeiras desde logo acertadamente concluiu tratar-se de uma produção da fase final da Idade do Bronze (ROZEIRA, 1926). Nestes termos, importa, antes de mais, procurar o enquadramento arqueológico do achado desta ocorrência esquecida, no âmbito das investigações pré-históricas então desenvolvidas na região.

O Dr. Abílio Rozeira, residente na época na Cruz Quebrada, por ser este o local indicado no seu artigo, realizou na época em que publicou este achado isolado diversas prospecções no concelho de Oeiras, com destaque para as efectuadas no povoado pré-histórico de Carnaxide, por si identificado, tendo ali recolhido copioso conjunto de espólios do Neolítico e do Calcolítico, estudados pelo signatário no Museu Nacional de Arqueologia. Algumas de tais peças conservam a lápida as datas da sua colheita, entre Maio de 1926 e 16/9/1933 (CARDOSO, 1996).

Terá sido pois, por essa altura, ou imediatamente a seguir, que a peça agora estudada deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia.

* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador associado do ICArEHB (Universidade do Algarve) cardoso18@netvisao.pt

2 - DESCRIÇÃO E TIPOLOGIA

O machado em apreço foi noticiado pouco tempo após a sua publicação, por Rui de Serpa Pinto em breve notícia bibliográfica (PINTO, 1929). Porém, o mesmo só voltaria a ser referido na bibliografia arqueológica, tanto quanto se tenha conhecimento, em 1976.

Naquele ano, em artigo dedicado ao estudo de conjunto dos machados de alvado peninsulares realizado por R. Hardaker, a peça de Leceia é inventariada e assinalada no mapa de distribuição de machados de dupla argola (HARDAKER, 1976), citando o artigo de A. Rozeira, embora não se indique o local de depósito da mesma.

Trata-se de um machado incompleto (Fig. 1) onde parece observar-se o arranque das duas argolas laterais, na parte proximal do alvado, na qual se observa forte torção do metal, o que se explica pelos esforços a que esta parte da peça esteve sujeita aquando da utilização, já que era ali que se fixava o cabo; tal situação leva a crer que o bocal do alvado seria relativamente frágil, não se encontrando suficientemente reforçado por anéis circundantes da abertura, como se observam noutros exemplares.

A inutilização do artefacto, em resultado do seu próprio uso, explica-se também pela fragilidade das suas paredes, de fraca espessura, realidade que é evidenciada numa das faces por um oco de corrosão longitudinal e que pode ter sido originado por fundição imperfeita.

Embora incompleta, trata-se de peça que se inscreve no grupo dos exemplares de pequenas dimensões, no conjunto das produções de machados de alvado de duplo anel, possuindo esboço de nervura central na zona proximal do alvado, correspondente a pequena protuberância, apenas observada numa das faces. A face oposta, observada em secção transversal, possui espessura menor e é levemente convexa. A assimetria observada entre a morfologia das duas faces maiores na zona do alvado leva a admitir a hipótese de este tipo de peças ser encabado à maneira das enxós, e não como machados; mas os elementos comparativos são escassos, uma vez que estas peças em geral apenas se apresentam publicadas através de uma das suas faces.

Esta conclusão é aliás sugerida pela existência de duas argolas simétricas, cuja fixação mais eficaz ao cabo seria na posição em que o gume trabalhasse na horizontal, como enxó; no entanto, a assimetria do contorno do gume sugere que a peça se posicionava obliquamente no cabo, trabalhando o gume na vertical. Importa, pois, continuar a discutir esta interessante questão de natureza funcional com mais fundamento.

O alvado corresponde a cavidade ampla e de contorno sub-quadrangular.

Ulteriormente às modificações resultantes do uso, não evidentes no gume, a extremidade proximal da peça foi serrada por corte regular oblíquo, executado na face mais espessa, provavelmente com o intuito de permitir a continuação da sua utilização, com a ablação das irregularidades existentes.

3 - DISCUSSÃO

Este exemplar integra o conjunto de machados de alvado de duplo anel e de dimensões variáveis, cuja distribuição geográfica é essencialmente litoral, desde a Galiza ao estuário do Sado. No território português observam-se duas concentrações: a setentrional, com peças que se distribuem desde a fronteira do Minho até ao Douro; e a meridional, geograficamente separada da anterior, com penetrações no interior do território, através das bacias hidrográficas do Tejo e do Zêzere, associadas aos fluxos comerciais que permitiam a chegada ao litoral do estanho das Beiras (Fig. 2). É ao grupo meridional que pertencem exclusivamente os exemplares de pequenas dimensões, como o de Leceia (HARDAKER, 1976).

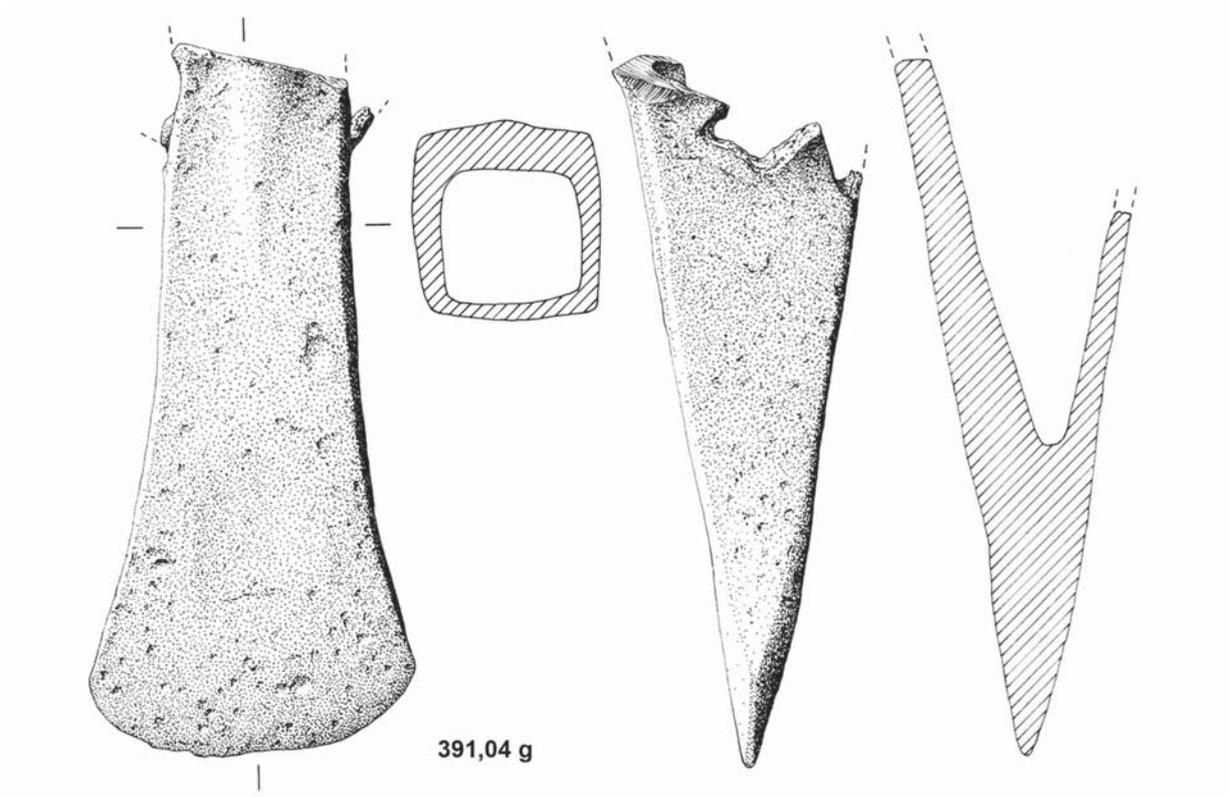


Fig. 1 – Machado do Bronze Final de alvado e provavelmente de duas argolas de Leceia. Museu Nacional de Arqueologia. Desenho de Filipe Martins. Foto de João Luís Cardoso.



Fig. 2 - Distribuição dos machados de alvado e duas argolas. A estrela corresponde a molde; os círculos associados a cruz correspondem a peça de localização incerta (seg. HARDAKER, 1976, p. 163, Mapa 2).

Face ao exposto, os machados de alvado e duas argolas correspondem a produção característica do território português cuja ocorrência, em domínios onde não existe nem o cobre nem o estanho se explica pelo comércio transregional, tanto dos minérios como dos objectos já manufacturados.

Importa, no entanto, referir que, nesta época e nas regiões estaníferas das Beiras, o modo de produção de exemplares de bronze seria essencialmente doméstico, destinado essencialmente a suprir as necessidades das populações locais (VILAÇA, 1995). Os lingotes oriundos do depósito da Quinta do Ervedal, Fundão (VILLAS-BÔAS, 1947), em forma de calote de esfera, para além de fragmentos amorfos, revelaram ser de cobre quase puro, contrariamente às peças restantes do depósito, que são de bronze (VILAÇA, 2019). Esta constatação é de grande interesse, pois reforça a ideia da produção local de objectos de bronze, a partir do estanho existente na região, e do cobre obtido a partir de lingotes como estes, que poderiam resultar de minerações cupríferas realizadas quer na própria região, quer no Alentejo (Fig. 3).

Com efeito, a ocorrência de minas de cobre pré-históricas situadas na Beira Baixa não pode ser ignorada, para além de mineralizações com interesse económico que, ainda em 1952 se encontravam assinaladas na região de Vila Velha de Ródão (VIANNA, 1952). Em 1925 foram declaradas abandonadas duas minas de cobre no concelho do Sabugal, que até então se mantinham activas (Boletim de Minas, ano de 1925). Em particular, o interesse cuprífero em épocas mais ou menos longínquas da região de Sabugal, foi já devidamente evidenciado (MELO, ALVES & ARAÚJO, 2002). No respeitante à época pré-histórica, merece destaque o machado



Fig. 3 - Distribuição das ocorrências mineiras de cobre e estanho registadas até meados do século XX (seg. VIANNA, 1952).



Fig. 4 – Desenho a carvão de Estácio da Veiga do machado do Bronze Final univalve, de talão com uma argola encontrado numa galeria a 12 m de profundidade na mina de cobre de Quarta-Feira (Sabugal) e anotações autógrafas acerca das condições do achado (seg. CARDOSO, 2006, Fig. 54). Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de João Luís Cardoso.

de talão univalve com uma argola encontrado a 12 m de profundidade numa galeria de uma mina de cobre em Quarta-Feira. O desenho original deste machado, da autoria de Estácio da Veiga (Fig. 4) foi publicado pelo signatário (CARDOSO, 2006), no qual, pela inscrição manuscrita que o acompanha, se explicitam as condições do achado. Este achado é, pois, de extremo interesse, por vir provar a existência de minerações cupríferas do Bronze Final, em uma região tradicionalmente associada à presença do estanho, conferindo-lhe assim possibilidades efectivas de ser auto-suficiente na produção de artefactos pré-históricos de bronze.

Nestes termos, é muito provável que a Beira Baixa, no Bronze Final, fosse região produtora de peças de bronze, como machados de alvado e duas argolas semelhantes ao de Leceia, de que se conhecem algumas raras ocorrências, destinados a consumo local e/ou a exportação para a Estremadura. Nessa perspectiva, o rio Tejo deteria papel fundamental na circulação transregional de tais bens (VILAÇA & CARDOSO, 2017). O mais importante curso de água peninsular constituía então a via preferencial para o escoamento para o litoral do estanho, sob a forma de concentrado, de lingotes, ou mesmo de peças de bronze já manufacturadas.

Com efeito, era a Estremadura que reunia as condições mais propícias para a produção de artefactos de bronze, constituindo-se como região receptora e destino final do estanho das Beiras e do cobre dos jazigos alto e baixo-alentejanos, como tão claramente evidencia o molde de fundição univalve de foices do tipo Rocanes achado no sítio epónimo de Casal de Rocanes (Cacém) (Fig. 5). Deste ou de moldes análogos saíram os exemplares que, para além de poderem ter sido intensamente utilizados localmente nas ceifas dos férteis campos basálticos do arredores de Lisboa (CARDOSO, 1999/2000; CARDOSO, 2015) seriam exportados para outras áreas geográficas, como é ilustrado pelos exemplares recolhidos no depósito do Monte Sa Idda, na Sardenha (TARAMELLI, 1921), entre os quais figuram também alguns machados de alvado e duas argolas, cuja origem efectiva ou inspiração directa se situa na Estremadura portuguesa.

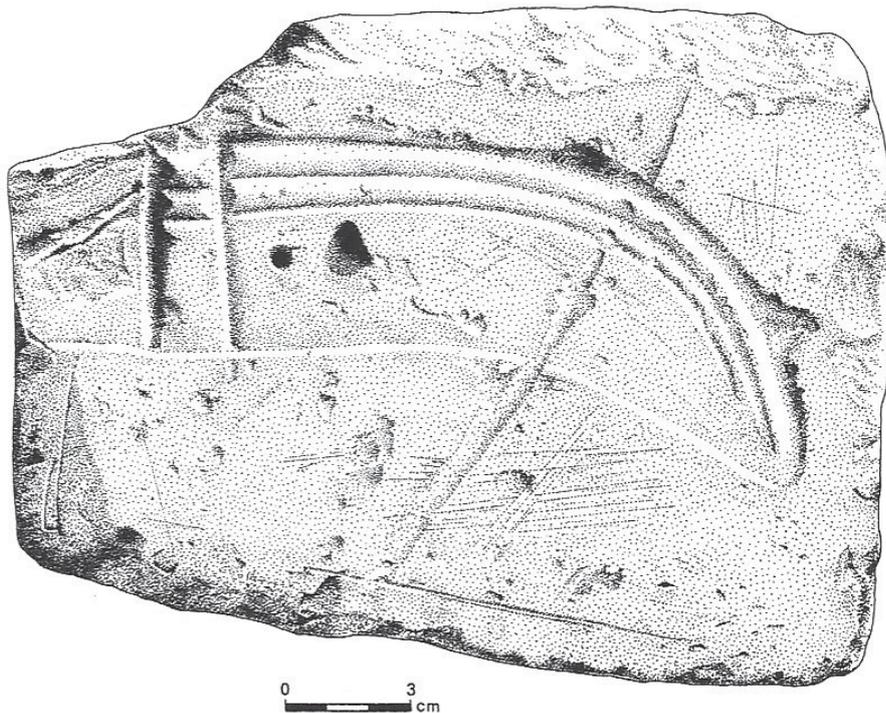


Fig. 5 – Molde de arenito para fundição de foices de talão univalves de bronze do tipo Rocanes, encontrado em Casal de Rocanes, Cacém (Sintra) (seg. CARDOSO, 2002, Fig. 287).

Os oito exemplares de machados de alvado com duas argolas geograficamente mais próximos do de Leceia foram inventariados e reproduzidos por diversos autores (Fig. 6). Neste aspecto, merece destaque obra monumental publicada no ano seguinte à da de R. Hardaker, da autoria de L. Monteagudo (MONTEAGUDO, 1977); aquela, contudo, não se encontra nesta citada, o que se explica, muito provavelmente, por já então se encontrar no prelo; mas a distribuição geográfica apresentada nas duas obras é semelhante, o que evidencia a solidez dos levantamentos realizados de forma independente por ambos os autores.

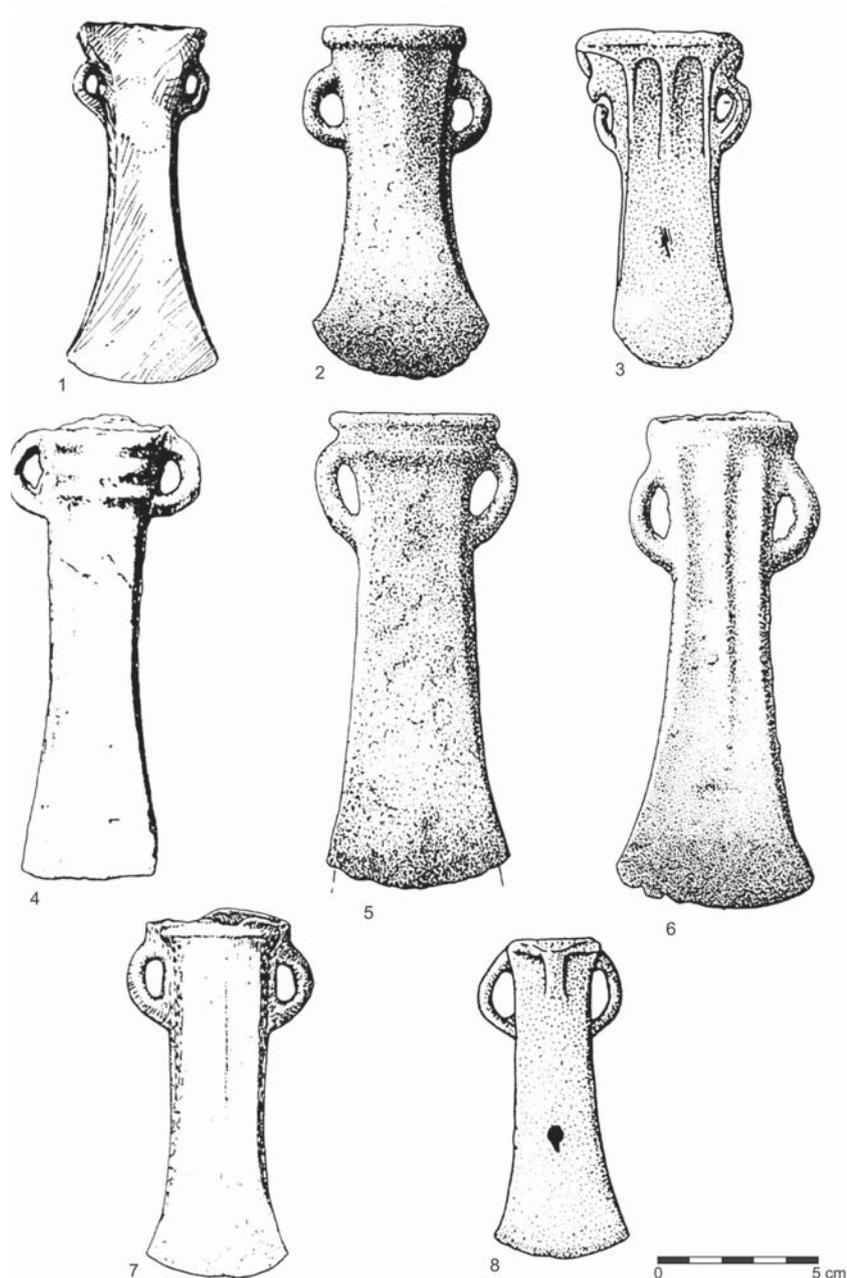


Fig. 6 – Machados de alvado e duas argolas da Estremadura. 1 – Pedreiras (Sesimbra); 2 – Arruda dos Vinhos; 3 – Castro da Ota (Alenquer); 4 – Penedo do Lexim (Mafra); 5 – Abrigada (Alenquer); 6 – Alfarim (Sesimbra); 7 – Cova da Moura (Torres Vedras); 8 – Cabeço de Moinhos (Mafra) (seg. CARDOSO, 2002, Fig. 288, reproduzindo figuras de E. C. Serrão, L. Monteagudo e F. Kälb).

No que respeita à cronologia, é usual considerar os machados de alvado e duas argolas entre as produções mais tardias dentro do Bronze Final, pelo que as mesmas podem ser situadas na transição do II para o I milénio a.C., admitindo-se mesmo que, na regiões mais setentrionais, a sua produção se possa ter estendido até pelo menos o século VIII a.C. (HARDAKER, 1976; MONTEAGUDO, 1977).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fez-se a reapreciação de machado de alvado de dois anéis do Bronze Final recolhido em Leceia na década de 1920 por Abílio Rozeira, investigador que, naquela época, procedeu a diversas prospecções arqueológicas no concelho de Oeiras.

A existência desta peça foi ignorada, ao longo dos tempos, pela maioria dos investigadores, já que o autor, além de a ter publicado em obscuro periódico de vida efémera (o último número publicado coincidiu com a nota de Rozeira) não indica o local de depósito da mesma. Daí que a sua existência tenha apenas sido fugazmente mencionada por Rui de Serpa Pinto e, mais tarde, por R. Hardaker. De sublinhar a omissão de L. Monteagudo à mesma, na sua obra monumental dedicada à inventariação e caracterização dos machados metálicos peninsulares. Foi o conhecimento da existência de depósitos de materiais arqueológicos efectuados por Abílio Rozeira no Museu Nacional de Arqueologia, que levou à indagação da existência desta peça nas suas colecções, a qual se veio a confirmar.

Trata-se de exemplar incompleto e de pequenas dimensões que se inscreve entre as produções estreminhas, região onde coexistem com exemplares de maiores dimensões. A ocorrência de machados de alvado e de duas argolas, de acordo com os inventários apresentados de forma independente por R. Hardaker e L. Monteagudo é quase exclusiva de faixa litoral do Minho ao Sado, com especial incidência de exemplares no território a sul do Mondego, sublinhando o seu carácter claramente regional.

O fabrico destes exemplares, sendo sobretudo produzidos localmente, como é indicado pela sua distribuição geográfica – sem ignorar a possibilidade de alguns deles terem sido mesmo produzidos na Beira Baixa e dali exportados – requeria o abastecimento simultâneo de estanho e de cobre, oriundos respectivamente das Beiras e do Alentejo. Tal conclusão é expressivamente sublinhada pela ocorrência de molde de fundição para foices de talão nervuradas, ditas de tipo Rocanes, no local epónimo, perto do Cacém (Sintra).

Deste modo, os nove exemplares inventariados na Baixa Estremadura, incluindo o exemplar de Leceia, fazem parte de um conjunto muito maior, destinando-se não apenas à utilização local, mas também à exportação, como indica a ocorrência de exemplares em tudo idênticos no Mediterrâneo Central, designadamente no depósito do Monte Sa Idda (Sardenha).

AGRADECIMENTOS

A António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia, pela autorização para o estudo da peça objecto deste contributo, ali depositada.

A Raquel Vilaça, pelas informações fornecidas.

REFERÊNCIAS

- Boletim de Minas. Ano de 1925. Lisboa: Ministério do Comércio e Comunicações.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Materiais arqueológicos inéditos do povoado pré-histórico de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 27-45.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Dos depósitos metálicos da Idade do bronze e das intenções que estiveram na sua origem (comentário a um estudo de Raquel Vilaça). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, p. 7-27.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Firenze. 65, p. 149-170.
- HARDAKER, R. (1976) – Las hachas de cubo en la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castellon de la Plana. 3, p. 151-171.
- MELO, A. Ávila de; ALVES, H. & ARAÚJO, M. F. (2002) – The Bronze Palstave from Quarta Feira Copper Mine, Central Portugal. In OTTAWAY, B. S. & WAGER, E. C. – *Metals and Society*. Papers from a session held at the European Association of Archaeologists. Sixth Annual Meeting in Lisbon 2000. Oxford: Archaeopress. BAR International Series 1061.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde Abteilung IX, Band 6).
- PINTO, R. de Serpa (1929) – Revista bibliográfica. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 4 (2), p. 201.
- ROZEIRA, A. (1926) – O bronze em Liceia. *Cultura. Revista de Letras*. Lisboa. 1.ª série, n.º 2, p. 36-38.
- TARAMELLI, A. (1921) – Il ripostiglio di bronzo nuragici di Monte Sa Idda, Dezimoputzu (Cagliari). *Monumenti Antichi dell'Accademia dei Lincei*. Roma. 27, p. 6-98.
- VIANNA, A. (1952) – *Carta mineira de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Suplemento ao Tomo 32 das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal).
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 9).
- VILAÇA, R. (2019) – Depósito da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão). In *Elementos para um dicionário do Museu Francisco Tavares Proença Júnior* (coord. VIEIRA, B. D.). Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.
- VILAÇA, R. & CARDOSO, J. L. (2017) – O Tejo português durante o Bronze Final. *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica (Merida, 2015)*. Actas (PÉREZ, M. CELESTINO, ed.). Mérida (2017): CSIC, Instituto de Arqueología – Mérida, pág. 237-281 (*Anejos de AEspA LXXX*).
- VILLAS-BÔAS, J. S. P. de (1947) – Nuevos elementos del Bronce atlántico en Portugal. *II Congreso Arqueológico del sudeste español* (Albacete, 1946). Crónica, Albacete, p. 156-162.